

Artesanato, trajetórias e afetos: território e formas de resistência de mulheres santanenses

Handcrafts, trajectories and affections: territory and forms of resistance of women from Santanenses

Carolina Vanessa Santos da Silva¹

CCSB-UFMA-Turismo

vanessa.carolina@discente.ufma.br - <https://orcid.org/0009-0002-8356-0355>

Tatiana Colasante²

UNESPAR-Turismo- Campo Mourão

tatiana.colasante@unespar.edu.br - <https://orcid.org/0000-0001-6953-245X>

Amanda Gomes Pereira³

PPGS-UFMA-CCSB- Ciências Humanas

ag.pereira@ufma.br - <https://orcid.org/0000-0002-7174-3843>

DOI [10.5281/zenodo.13706063](https://doi.org/10.5281/zenodo.13706063)

Apresentação

Se aquilo de que precisamos para sonhar, para conduzir nosso espírito de maneira mais direta e profunda rumo à esperança, for desprezado como sendo um luxo, vamos abrir mão do cerne – da fonte – do nosso poder, da nossa condição de mulher; vamos abrir mão dos nossos sonhos (Lorde, 2020).

¹ Graduanda do Curso de Bacharel em Turismo, do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão.

² Professora Adjunta de Turismo no Curso de Turismo, Campo Mourão. Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. É líder do Grupo de Estudos em Turismo, Espacialidades, Ruralidades e Meio Ambiente (GETERMA/UFMA/CNPq).

³ Professora Adjunta de Sociologia pelo Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, CCCSB da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia UFMA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/ Gitã (UFMA/CNPq).

Os estudos sobre migração no Brasil se desenvolveram a partir de diferentes perspectivas e abordagens, destacando os processos migratórios e rotas empreendidas no interior do país (Rodrigues, 2016). Uma das temáticas recorrentes é a que versa sobre as dinâmicas migratórias relacionadas ao denominado êxodo rural, e o fluxo em direção aos grandes centros e regiões metropolitanas do país. Assim, como aponta Daniel Biagioni (s/d), por migração entende-se processos e dinâmicas de deslocamento populacional em um dado contexto histórico e social. Para o autor, “o conjunto dos deslocamentos individuais caracteriza o fluxo migratório” (Biagioni, s/d, p. 6 apud Neco, 2021). Se os deslocamentos são individuais, o fenômeno se configura como social, uma vez que indica uma tendência em que regiões são vistas como locais de expulsão, e outras como locais de recepção dessa população, impactando nas fronteiras as configurações entre as classes em distintas regiões (Rodrigues, 2016).

Outrossim, falar de migrações, tentando mapear impactos geracionais e nos modos de produção, contribui para analisar permanências e rupturas atreladas no mundo do trabalho, bem como as relações estabelecidas pelo modelo econômico desenvolvimentista. Este ensaio apresenta uma análise do artesanato produzido por mulheres, residentes de povoados do município de Santana do Maranhão, como estratégia de permanência e de manutenção de seus territórios de moradia, fruto da resistência frente ao crescimento de práticas vinculadas ao agronegócio e monocultura da soja na Região do Baixo Parnaíba Maranhense.

As consequências dos processos migratórios na vida de mulheres camponesas, artesãs, moradoras de povoados – residentes no interior do interior do estado do Maranhão – são as mais variadas possíveis, com efeitos geracionais e na configuração das famílias – com a perda de contato com as pessoas que migram para outras regiões. Os relatos dessas mulheres apontam para um fenômeno, presente em diferentes regiões do estado, relacionado à migração de homens da comunidade para outras regiões do país em busca de emprego e outras formas de renda, mostrando que, apesar das dificuldades, são as mulheres que permanecem cuidando, alimentando e trabalhando para o sustento das famílias, resistindo frente às tentativas de expulsão de seus territórios.

Por gerações, são elas que, através de distintas atividades, sustentam seus filhos e filhas, ensinando o trabalho na roça, as tarefas domésticas e, assim, garantindo renda suficiente para a sobrevivência de todes – mesmo com as dificuldades, comuns a essas realidades. Em um contexto de vulnerabilidade social, de escassez de recursos, de trabalho formal e devido a necessidade de conjugar trabalho com cuidado dos filhos e filhas, assim como as mulheres interlocutoras da pesquisadora Aline Sapiezinskas (2012, p. 136), as artesãs de Santana do Maranhão:

[...] conseguiram encontrar um modo de lidar com essa situação de vulnerabilidade social. Administrando casa e família, acompanhando os filhos pequenos, e ao mesmo tempo garantindo seu sustento ao exercer atividade remunerada, as artesãs de Brasília que analiso são exemplo de sucesso que alia determinação, vontade de trabalhar e criatividade.

Em seu texto, a autora também destaca o papel de instituições na formação e enquadramento da produção artesã, destacando a dimensão de poder que atravessa essas associações artesãs. O interessante a destacar é que Sapiezinskas (2012) aponta o quanto que essas instituições naturalizam trabalhos manuais como sendo trabalho femininos, assim como em nosso país, majoritariamente, o cuidado das crianças se tornou função ligada ao universo feminino e, desse modo, contribuem para a “construção social do papel feminino” (Sapiezinskas, 2012, p. 137). É preciso reforçar que o contexto que leva a tornar uma mulher artesã não é etéreo, mas emaranhado a teia de significados de que o tecido social se constitui. Afinal, “uma artesã não se torna uma artesã apenas porque está empregando uma técnica artesanal, mas porque está inserida num contexto em que ser uma artesã possui um significado social em articulação com outros significados, dos quais ela compartilha” (Sapiezinskas, 2012, p. 134).

Quando se pensa as estruturas de dominação masculina e de submissão feminina, parte da literatura feminista e dos Estudos de Mulheres, principalmente os da década de 70, percebem esses processos de dominação e submissão vinculados a separação entre espaço público e espaço doméstico (Ortner, 1979). Marilyn Strathern (2006), em sua análise crítica acerca dos estudos feministas, de gênero e as epistemologias da Antropologia, ressalta que:

[...] Feil precisa argumentar que não deveríamos deixar-nos enganar pela retórica do grupo, da mesma forma que também argumenta no sentido de que não deveríamos deixar-nos enganar pelo tipo de categorização dicotômica acerca dos domínios doméstico e político, como a dos Hagen (Feil, 1978). Para trazer ao primeiro plano a proeminência das mulheres na sociedade tombema engra, ele afirma que a política das parceiras de troca individuais evita qualquer dicotomia desse tipo, pois a política penetra em todas as decisões domésticas: o político é inseparável do privado (Strathern, 2006, p. 117).

A autora, desse modo, destaca a fluidez subjetiva dos habitantes das Terras Altas Ocidentais, em especial os Hagen, se constituindo como sujeitos fractais que transitam entre masculino e feminino, dependendo das relações estabelecidas.

Para quebrar com esse ciclo de opressão, é preciso ter como horizonte que: “Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão (Kilomba, 2019, p. 37). São essas palavras de dor que dimensionam a necessidade de quebrar com práticas de

silenciamento e de invisibilização tanto das mulheres negras, como das mulheres que residem em regiões periféricas.

Na habilidade com o trabalho manual, encontramos Dona Deti, costureira. Em seu relato, ela, que é de uma família ligada tradicionalmente ao ofício da costura (seu pai era alfaiate e fazia ternos para os funcionários da prefeitura), fala sobre o desinteresse das gerações mais jovens pelo ofício da costura e dos trabalhos manuais. A entrevistada realiza o trabalho apenas por encomenda. Em épocas de festejos na cidade, há um grande movimento e procura por roupas, pois, “[...] o pessoal que ir para as festas e quer trocar de roupa, né? Querem fazer roupa nova para ir. São nove noites de novena, cada noite uma roupa diferente”. Trata-se de um ofício que, aos poucos, cede lugar às peças industrializadas, uma vez que muitas chegam à cidade para revender peças, tornando a procura pelas costureiras cada vez mais escassa. Esse fato, atrelado ao desinteresse das gerações mais novas, torna o futuro desse aprendizado, recebido de geração após geração, ameaçado.

“As jovens de hoje não se ocupam de costura. No celular, nas redes sociais, não querem mais um trabalho. Não querem mais trabalhar”. A partir das falas de Dona Deti, verificamos que o trabalho manual é uma forma de resistência que busca seu espaço nos dias de hoje, especialmente por evocar tantas lembranças familiares. Além da costura, Dona Deti trabalha com artesanato de peneira. No entanto, comenta que agora o ofício está a cargo do seu irmão. Um adoecimento ligado às dores na coluna impediu que ela continuasse. As peneiras de palha das palmeiras são vendidas em São Luís, nos mercados públicos e comercializadas na época dos festejos de Santana do Maranhão⁴.

As fotos abaixo fazem parte do projeto “História oral e memória das mulheres no Baixo Parnaíba Maranhense”, coordenado pelas professoras Dra. Tatiana Colasante e Dra. Amanda Gomes Pereira, e que buscou narrar as histórias e memórias das mulheres santanenses, dando ênfase em seus modos de produção, seus territórios, o rio Magu, retratado nas fotos VI e VII – tão presente em seus cotidianos, sendo local de banho e de sustento –, as palmeiras de buriti – com seus frutos, a produção de seu doce e artesanato por meio da palha de buriti. Paisagens que atravessam suas trajetórias, e memórias, unindo com tessituras as histórias de vida das mulheres de Santana do Maranhão.

A presença da Universidade Federal do Maranhão na Região do Baixo Parnaíba Maranhense modificou a realidade dos moradores da região, principalmente ao formar vários estudantes nestes 14 anos de existência. Sua inserção, com seus cursos, envolve não apenas a leitura de diferentes agentes que modelam o espaço, mas também contribui para

⁴ O município de Santana do Maranhão/ MA localiza-se no Baixo Parnaíba Maranhense, com uma população com cerca de 10.567 habitantes, conforme dados do último Censo (IBGE, 2022). Boa parte da sua população está localizada na zona rural. De emancipação recente, sendo criado em 1994, antes era considerado um distrito, pertencente ao município de São Bernardo/MA. Santana do Maranhão, limita-se ao norte com os municípios de Paulinho Neves e Tutóia; a oeste com Barreirinhas e ao sul com os municípios de São Bernardo e Santa Quitéria (IBGE, 2022).

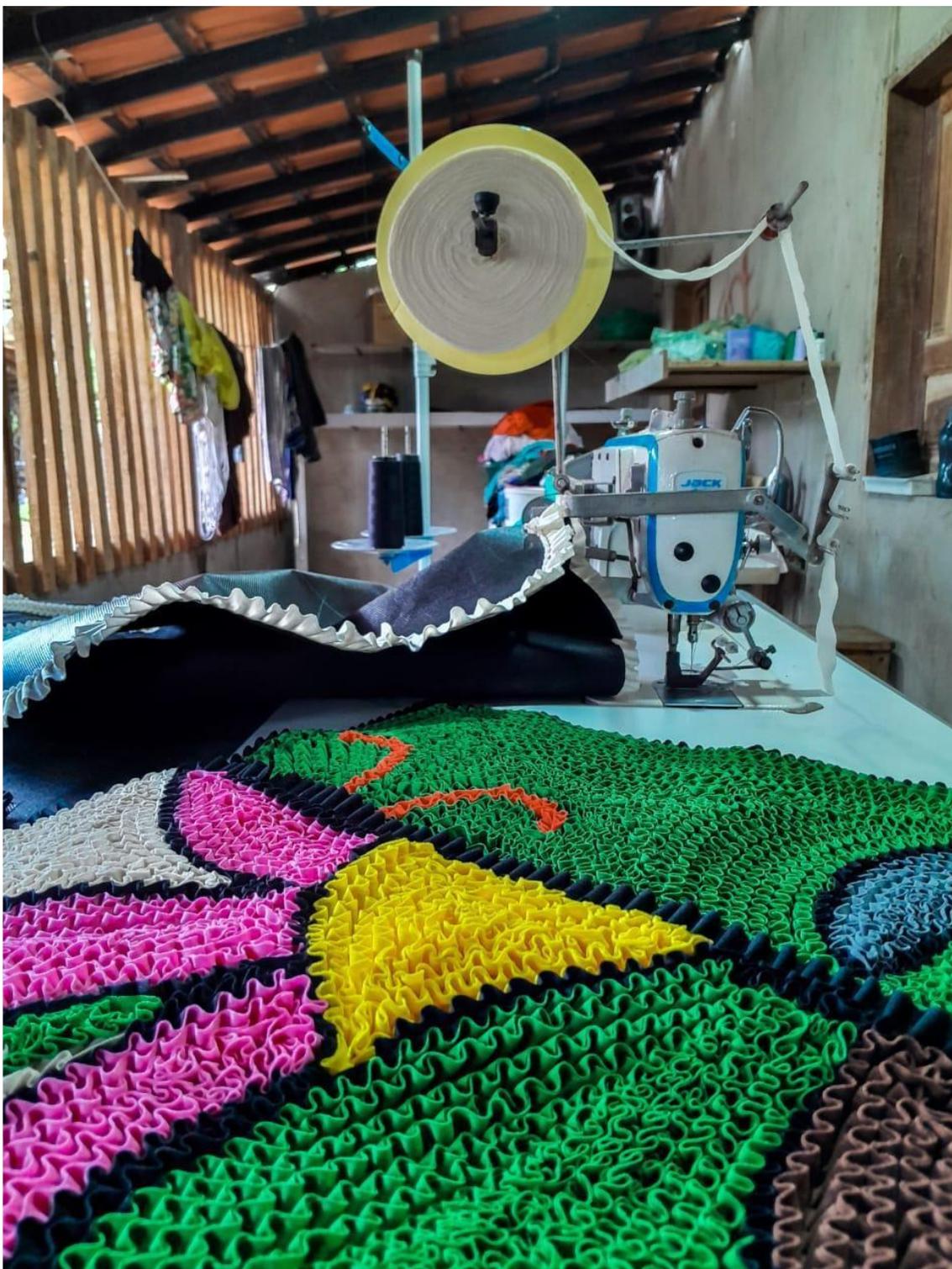
a valorização dos saberes e fazeres locais, constituindo-se como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da base local.

As mulheres têm papel de destaque nessa dinâmica, pois, muitas vezes, são chefes de família e detentoras de saberes que são passados de geração para geração, auxiliando na preservação de diferentes práticas culturais, contribuindo para manutenção de elementos simbólicos capazes de promover distintas representações e visões de mundo. Depois de séculos de repressão, silenciamento e direitos cerceados, essas mulheres do “interior do interior do Maranhão” continuam a batalhar por visibilidade na sociedade. Ainda são escassos os estudos a respeito das mulheres moradoras dessa região maranhense, bem como o papel que desempenham na divisão social, sexual e racial do trabalho. No intuito de dar protagonismo a essas mulheres, surgiu o projeto com viés extensionista que uniu pesquisa e extensão, tendo as imagens um papel primordial na produção de narrativas sobre suas histórias e memórias.



1. Imagem I – Tapeçaria em cor

Artesanalmente produzido pela artesã Rachel do Povoado São João dos Teixeiras, Santana do Maranhão. Autora: Silva, 03/2024



2. Imagem II - A máquina e o artesanato

Autora: Silva, 03/2024



3. Imagem III - A artesã e sua tela

A artesã Rachel, do Povoado São João dos Teixeiras Autora: Silva, 03/2024



4. Imagem IV - Fitas e tessituras

Material utilizado pela artesã. Autora: Silva, 03/2024



5. Imagem V - Máquina de costura

Autora: Silva, 03/2024.



6. Imagem VI - Margens do Rio Magu

Autora: Silvia, 03/2024



7. Imagem VII - Frutos da Palmeira de Buriti

Autora: Silvia, 11/2023



8. Imagem VIII - Doce de Buriti

Iguaria presente na culinária do Interior do Interior do Maranhão

Autora: Sílvia, 11/2023

REFERÊNCIAS

- Collins, P. H. *Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.
- DaMatta, R. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- IBGE, Censo Demográfico, 2022, Cidades e Estados (Santana do Maranhão), acesso no link: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/santana-do-maranhao.html>, em 1 de fevereiro de 2024.
- Kilomba, G. *Memórias de plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Lorde, A. *Irmã outsider. Ensaios e conferências*. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.
- Neco, V. C. S. “É desse coco que minha mãe me criou só, e eu criei minhas ‘fia’”: a privatização dos babaçuais e suas consequências no trabalho feminino na Aldeia do Odino em Bacabal/MA. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL/ Bacabal), 2021.
- Ortner, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: Rosaldo, et. al. **A mulher, a cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Rodrigues, S. J. D. *Quem não tem é escravo de tem: Migração camponesa e a reprodução do trabalho escravo contemporâneo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2016.
- Sapienzinskas, A. Como se constrói um artesão – negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 133-158, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/FdTnvp9RqwYwyHQRxBk7dXz/>>, Acesso em: 9 mai. 2024.
- Strathern, M. *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

Agradecimentos

À artesã Rachel (do Povoado São João dos Teixeiras) e à Dona Deti, costureira, moradoras de Santana do Maranhão. Agradecemos ainda à Secretária Municipal da Mulher, Franciane Cruz, por todo apoio na realização do projeto.

Financiamento

Universidade Federal do Maranhão, que concedeu uma bolsa de extensão à discente Carolina Vanessa Santos da Silva.

Data de envio (Recebido) 14 de maio de 2024

Aceito em 17 de maio de 2024